

Educação patrimonial e cidade-museu – a experiência de Mérida na Espanha

Heritage education and city-museum - the Merida experience, Spain

Ana Claudia Gondim Bastos*

Resumo: Mérida, situada na região de Extremadura, Espanha, foi alçada à categoria de Patrimônio Mundial pela Unesco em 1993. Este artigo trata do caso dessa cidade-monumento que, atualmente, tem como uma de suas principais atividades o turismo. Uma das características de Mérida é a convivência entre o seu passado, representado pelo conjunto arqueológico, e as urgências da contemporaneidade urbana, da qual podem ser destacadas as pressões relativas ao crescimento da cidade. Em uma das pontas dessa complexa relação entre esses dois elementos, encontram-se os investimentos voltados para a preservação da história local e de seus monumentos e sítios arqueológicos, e, de outro, especialmente face ao fluxo turístico à cidade, as ações e políticas em prol da educação e preservação patrimonial, com vistas à geração de renda mediante o investimento em turismo não predatório.

Palavras-Chave: Educação patrimonial, História, Mérida, Museu, Turismo

Abstract: Merida, located in the region of Extremadura, Spain, was registered as World Heritage, by Unesco, in 1993. This paper deals with the case of this city-monument that, currently, has tourism as one of its major economic sources. One of Merida's peculiarities is the coexistence between its past, represented by its archaeological sites, and the urgencies of urban contemporaneity, among which can be highlighted the pressures related to the city growth. On one of the edges of this complex relationship between those two elements, we can find the investments towards the preservation of the local history and monuments and archaeological sites, and, on the other, particularly in face of the intense tourist flow to the city, actions and policies in favor of heritage education and heritage preservation, with a view to generate income by investing in non-predatory tourism.

Key words: Heritage Education, History, Merida, Museum, Tourism

* Mestre em Psicologia Social. Sócia-fundadora da Tipiti Soluções Culturais.

1 Introdução

A cidade de Mérida, na Espanha, é um exemplo de compromisso entre as necessidades e pressões típicas de uma cidade e a responsabilidade frente à herança cultural e histórica que, por seu turno, faz dessa cidade um polo turístico. Além disso, ou por causa disso, Mérida também é um campo para a atuação de museus, de políticas públicas voltadas para o patrimônio e a difusão cultural, além de ações de educação patrimonial.

O investimento em ações e políticas adequadas, focadas em educação patrimonial, bem como atividades de difusão podem ser uma importante chave para o desenvolvimento econômico e cultural de uma cidade ou uma região. A relação integrada entre comércio, governo e instituições culturais e de pesquisa em prol de ações efetivas que contemplem atividades mobilizadoras de turismo e comunidade é importante para o fortalecimento de um turismo esclarecido, não predatório e, em consequência, em convivência harmônica com a vida na/da cidade.

Neste artigo, pretendemos discutir, a partir dos elementos que apresentaremos acerca da cidade de Mérida, a relação possível (ou desejável) entre educação patrimonial, desenvolvimento integral e turismo. Para tanto, discutiremos sobre uma série de ações, promovida pelo Consórcio que administra os monumentos da cidade, que explora e põe em evidência a riqueza e a diversidade patrimonial da cidade de Mérida. Além de atrativo turístico, o patrimônio de Mérida é igualmente utilizado como um mote para conscientizar a população emeritense acerca da importância de valorizá-lo e preservá-lo, uma vez que se trata de um elemento importante na composição da identidade tanto da cidade quanto de seus habitantes¹. Para tanto serão utilizados conceitos de museu, de educação patrimonial e, por fim, de cidade-museu.

Para a conceituação de museu, tomaremos como fonte o que já se encontra estabelecido pelo Conselho Internacional de Museus - ICOM e Instituto Brasileiro de Museus - IBRAM, que consideram museu uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, estuda, expõe e transmite o patrimônio material e imaterial da humanidade e de

¹ Apesar de haver na Europa outras cidades, reconhecidas por sua riqueza patrimonial e histórica e nas quais existem programas e ações voltados para a preservação, proteção e difusão da herança patrimonial, não é escopo deste trabalho realizar estudo comparativo entre essas políticas culturais.

seu ambiente com a finalidade de estudar, de educar e de deleitar². A mesma definição é tratada por Desvallés e Mairesse (2011). De acordo com a Lei n. 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que instituiu o Estatuto de Museus, são considerados museus:

[...] as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento.

Para uma reflexão sobre educação patrimonial, tomaremos como referência Cardona (2011), que discute o conceito de patrimônio enquanto espaço interdisciplinar, no qual se correlacionam conceitos de geografia, arte, história ciência, técnica etc. O patrimônio se nos apresenta como uma parte do passado que forma parte de nosso presente, sendo um elemento presente que se conecta com a herança histórica, assim como com os valores estéticos, artísticos, tecnológicos etc. Por extensão, a educação patrimonial é uma importante chave para o conhecimento da realidade de nossa sociedade, uma vez que “en efecto, una ciudadanía culta y conecedora de su realidad es el mejor activo que puede tener cualquier sociedad” (CARDONA, 2011, p. 27).

Se tomarmos o complexo urbano e patrimonial emeritense como exemplo, não será difícil perceber que a conscientização acerca da relevância do patrimônio, bem como a sua valorização, são elementos fundamentais não só para a identificação entre cidadãos e herança cultural (ou entre sujeito social e sua história), como também para a formação da cidadania, o que, no caso de Mérida, implica a necessidade de preservar esse patrimônio, além de utilizá-lo como elemento motivador de novas ações políticas e culturais que permitam, de diversas maneiras e no contexto das complexidades (de muitas ordens) a nem sempre fácil convivência entre os interesses das diversas camadas urbanas e o patrimônio artístico, histórico e arqueológico que faz de Mérida ser tal como é. Se a função da educação patrimonial é formar um cidadão conhecedor consciente de sua realidade, Mérida é um exemplo de como boas ações educativas podem efetivamente contribuir para o desenvolvimento sustentável de uma sociedade.

² De acordo com o ICOM, “a museum is a non-profit, permanent institution in the service of society and its development, open to the public, which acquires, conserves, researches, communicates and exhibits the tangible and intangible heritage of humanity and its environment for the purposes of education, study and enjoyment” (ICOM, 2014).

2 De Augusta Emérita à Mérida

Mérida é a capital da comunidade autônoma de Estremadura, na Espanha. Os achados arqueológicos mais antigos encontrados em Mérida datam do Paleolítico Inferior (ALVAREZ; BARRERA; VELÁSQUEZ, 2010). Porém, essa região espanhola – de difícil acesso e escassamente povoada - passa a ter importância histórica somente a partir do século I aC, quando, em 25 aC, ocorre a fundação, a mando do Imperador Augusto, da cidade Imperial Romana que recebeu o nome de Augusta Emérita. A cidade foi fundada por veteranos de guerra integrantes das legiões V Alaudae e X Gemina, e que, como soía acontecer no exército romano, eram oriundos de diferentes regiões do Império. A cidade, erigida às margens do Rio Guadiana - um lugar incógnito e sem precedente histórico romano – tornou-se, durante a ocupação romana, uma das mais importantes cidades do Império, tendo sido alçada à condição de capital imperial da Lusitânia. Augusta Emérita funcionava como um importante centro de comunicação, devido às suas vias que ligavam Sevilha e o Atlântico com as terras semi-romanizadas do Norte (chamada posteriormente de Via da Prata).

Em pouco tempo, a cidade tornou-se um influente centro político-administrativo da região. Com a queda do império Romano do Ocidente (cujo marco histórico é o ano de 476 dC, com a tomada de Roma pelos hérulos), registram-se inúmeros conflitos visando a dominação desse território. Na segunda metade do século V dC, os visigodos³ conquistam a região e aí instalaram um reino visigótico. Os visigodos desempenharam, por cerca de 250 anos, um papel importante na Europa, em especial na península ibérica, tendo dominado de 418 até 711, quando a região é conquistada pelos muçulmanos que implantam, sobre a estrutura histórica e cultural romana e visigótica, o Reino de Al-Andaluz. Um dado interessante é que os Visigodos foram, depois dos romanos e antes dos carolíngios, os únicos conquistadores a fundar cidades na Europa ocidental. Além disso, deixaram como legado o que se denominou de Direito Visigótico, um conjunto de leis que formou a base da legislação usada na Ibéria cristã medieval e que só veio a ser revogado a partir do século XV. Deve ser destacado que, a partir de 457 em diante, com o domínio visigodo já assentado, a cidade de Mérida tornou-se a capital de uma das seis províncias visigóticas e teve um papel de destaque econômica e culturalmente, o que a levou a ser considerada como um centro cultural da região. Segundo Alvarez, Barrera e

³ Os visigodos foram um de dois ramos em que se dividiram os godos, um povo germânico originário do leste europeu, sendo o outro ramo composto pelos ostrogodos. Ambos fizeram parte das tribos bárbaras que contribuíram para a desarticulação do Império Romano do Ocidente. Após a queda do Império Romano do Ocidente, os visigodos tiveram um papel importante na Europa nos 250 anos que se seguiram, até a chegada dos mouros.

Velásquez (2010), os achados arqueológicos deste período levaram Mérida a ser chamada de berço da Arte Visigoda.

A cidade foi, durante séculos, palco de lutas e rebeliões devido à sua posição estratégica. Essas lutas, entre outras consequências, exauriam a região e provocaram um grande êxodo da população, bem como a perda do poderio econômico e político da cidade. Podemos, brevemente, dar alguns exemplos do que ocorreu no período pós-romano e pós-visigótico.

Após a dominação visigótica, a península ibérica foi conquistada pelos mouros. Em 711, em Guadalete, derrotaram o exército visigodo. Os sobreviventes refugiaram-se em Mérida e, após um ano de cerco, renderam-se e entregaram a cidade aos novos conquistadores. A população romano-visigoda, entretanto, ofereceu resistência ao reinado mouro, especialmente devido às diferenças linguísticas, culturais e religiosas. Daquele tempo na cidade sofreu declínio econômico progressivo. A retomada cristã de Mérida ocorreu em 1230. Entretanto, desde o período mouro a cidade vinha sofrendo uma progressiva perda de poder econômico, político e também cultural. Durante o reinado dos chamados reis católicos, no final do século XV, Mérida experimentou um breve renascer de sua pujança que, no entanto, logo se esmaeceu, principalmente em consequência das rebeliões sob o governo de Felipe II. Esse estado de coisas se agravou ainda mais devido a dois episódios: a guerra de sucessão espanhola, no início do século XVIII e a Guerra Peninsular, no século XIX. Assim, durante um longo período, Mérida transforma-se em um lugar sem relevância histórica, sendo somente uma cidade rural localizada entre os caminhos reais, por onde passam os viajantes e tropas que utilizavam a proximidade da fronteira de Portugal para entrar na Espanha pelas estradas deixadas, principalmente, pelos romanos.

Com o fim das lutas de conquista e rebeliões, e com distanciamentos da cidade das contendas civis que exauriam os recursos econômicos e humanos da região, Mérida começou a prosperar economicamente, principalmente após a chegada da estrada de ferro, em 1862, fato que marcou o início do crescimento demográfico e provocou uma conseqüente ampliação do perímetro urbano, durante toda a segunda metade do século XIX e a primeira do século XX⁴.

4 Este lento e progressivo desenvolvimento teve um período de estagnação marcado pelas consequências da Guerra Civil Espanhola (1936-39) e a subsequente penúria do período do pós II Grande Guerra.

A partir da segunda década do século XX, associado à campanha de escavações na cidade (realizadas pelos arqueólogos D. José Ramon Melida e D. Maximiliano Macías), e que permaneceu quase ininterrupta até a atualidade, inicia-se um novo período de revitalização de Mérida, bem como de valorização histórica da cidade (ALBA, 2012). O conjunto monumental emeritense foi tutelado, devido o seu valor arquitetônico e histórico, pela Junta de Extremadura, a qual declarou a cidade e seus monumentos como Conjunto Histórico Arqueológico, por Real Decreto de 8 de fevereiro de 1973. Em 1986, é criado o novo⁵ Museu Nacional de Arte Romana e, em 1993, Mérida foi declarada Patrimônio da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura/UNESCO.

3 Cidade museu ou museu cidade

Poderia falar de quantos degraus são feitas as ruas em forma de escada, da circunferência dos arcos dos pórticos, de quais lâminas de zinco são recobertos os tetos; mas sei que seria o mesmo que não dizer nada. A cidade não é feita disso, mas das relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado (Italo Calvino).

Uma cidade não é só construída de limites territoriais, suas tramas de ruas, edificações, tráfego e pessoas. Ela é também construída do e pelo universo simbólico tramados pelos fragmentos, em permanente reconstrução e (re)interpretação, de memória e afetos. Uma cidade se faz dos e nos espaços concretamente vividos, em sua história e na história de seus habitantes. Por isso, toda cidade é, antes de tudo, um lugar de memórias reconstruídas pelo imaginário e, por isso mesmo, um espaço pleno de significações. A cidade é constituída de vestígios de culturas que por lá passaram e das interpretações com e sobre esses vestígios; sendo, a cada momento, a cada registro sincrônico, um retrato de experiências coletivas em tempos e espaços distintos e que complementam.

Barthes anuncia a cidade como um discurso, uma escrita de quem se desloca na cidade:

a cidade é um discurso, e esse discurso é verdadeiramente uma linguagem: a cidade fala aos seus habitantes, nós falamos à nossa cidade, a cidade onde nos encontramos simplesmente quando a habitamos, a percorremos, a olhamos (BARTHES, apud GASTAL, 2005, p. 208).

5 O novo Museu Nacional de Arte Romana veio substituir o antigo Museu Arqueológico de Mérida, criado pela Real Ordem em 26 de Março de 1838. A nova sede do Museu foi criada pelo arquiteto Raphael Moneo e abriga um sítio arqueológico e peças do período de romanização hispânica, encontradas em Mérida.

Em vista disto, os indivíduos, ao se relacionarem com a cidade, seus monumentos e seu passado, constroem coletivamente essa história, esse discurso. A valorização e o reconhecimento dos patrimônios de uma cidade contribuem para o seu conhecimento e (re)construção histórica, assim como da relação desta com esses indivíduos (moradores, visitantes), uma vez que “el hombre de la ciudad aviva y acentua sus conflictos y dilemas sobre su própria identidad , su supervivência y su autorealización” (MASACHS, 2003, p. 106).

A cidade é um organismo “vivo” de relações históricas e sociais, um complexo e processual espaço de relações informais (pela experiência do convívio), não formais (atividades de aprendizado, intencionalmente elaboradas, fora do contexto escolar), que podem (e devem) dialogar com o contexto escolar (educação formal). A cidade de Mérida, enquanto uma cidade musealizada, que dispõe de um conjunto de estratégias de difusão do conhecimento de seu patrimônio, cujas ações envolvem diferentes camadas da sociedade – poder público, instituições culturais, escolares e comércio –, viabiliza uma interação orgânica entre as relações informais, não-formais e formais na cidade. Por essa razão, é capaz de gerar uma rede de educação patrimonial, certamente um ativo de grande importância para a preservação e construção histórica, política e simbólica dessa cidade que preserva sua história, mantendo-se, simultaneamente, contemporânea.

Atualmente, a população de Mérida se aproxima dos 60.000⁶ habitantes, sendo que a cidade estende-se por uma área de 865,6 km². A economia da cidade gira em torno do turismo – com visitantes dispostos a entender, desfrutar e ver seu patrimônio. Cardona (2011) aponta que a existência de um forte vínculo entre patrimônio e turismo é uma tendência contemporânea que marca diversas cidades. Em vista disso, o patrimônio torna-se um ativo econômico capaz de poder gerar riqueza através da indústria do turismo. Desde a segunda metade do século XX, o conceito de patrimônio, antes restrito aos edifícios e monumentos, alargou-se, tendo ficado mais maleável e suscetível a graus de subjetividade. De todo modo, o patrimônio, enquanto categoria, pode ser entendido como uma parte do passado que (in)forma nosso presente; um elemento presente que se liga à herança histórica e aos valores estéticos, artísticos, tecnológicos que tem tipificado

6 De acordo com os dados do INE (Instituto Nacional de Estatística) a cidade em 2012 tinha 58.164 habitantes (<http://www.ine.es>)

nossas sociedades (CARDONA, 2011). Cardona considera ainda que as transformações econômico-culturais da sociedade pós-industrial⁷ trouxeram novas demandas para a sociedade, incluindo aquelas referentes ao patrimônio. Segundo este autor,

desde los más diversos campos tecnológicos, artísticos, del diseño, pero también desde la gestión y la organización de recursos humanos, la psicología y la didáctica, se profundizan estrategias para que el patrimonio sea más accesible, rentable o comprensible (CARDONA, 2011, p. 34).

Mérida, em suma, é uma cidade contemporânea que vive do vínculo inextricável entre presente e passado. A cidade gira em torno dessa dinâmica da memória, das inscrições de um passado que se materializa nos monumentos e arquitetura da cidade – devemos acentuar que o perímetro urbano de Mérida é todo pontuado por vestígios arqueológicos de seu passado romano, visigótico e mouro. Isso impõe que o desenvolvimento urbanístico da cidade deve necessariamente compatibilizar a modernização de seu núcleo urbano com a arquitetura e os monumentos de seu passado histórico. Essa característica, por outro lado, faz com que Mérida seja, em mais de um sentido, uma importante cidade musealizada⁸, na qual convivem, em relativa harmonia, o crescimento urbanístico, as atividades turísticas e a preservação do patrimônio histórico-cultural. Não é raro vermos edifícios residenciais e comerciais suspensos, isto é, construídos acima de sítios arqueológicos. Essa técnica permite, ao mesmo tempo, a preservação do patrimônio arqueológico e a exposição dos mesmos. Se pensarmos em estratos urbanos e temporais, podemos dizer que a cidade de Mérida possui uma dinâmica cultural que lhe é própria e que lhe permite crescer em harmonia com construções de distintas épocas e diferentes marcos culturais.

7 Depois da Segunda Guerra Mundial e a promoção da política do Estado de Bem Estar Social implicaram transformações no que tange ao acesso ao ensino e aos bens culturais. Estas transformações geraram um maior acesso ao conhecimento e à produção cultural e, conseqüentemente, um maior interesse referente ao conhecimento científico do passado e da realidade (CARDONA, 2011).

⁸ É mister distinguir aqui o sentido dessa musealização. Há algumas cidades-museus, isto é, cidades que se desfuncionalizaram enquanto núcleos urbanos e que, de forma teatralizada, oferecem aos visitantes uma espécie de viagem no tempo. Esse não é o caso de Mérida. Nesta cidade, seu núcleo urbano é ativo, expande-se. Contudo, a cidade é perpassada por sítios arqueológicos (musealizados, visitáveis), de forma que a visita se faz na e pela cidade. É esta característica que acentuamos ao dizer que Mérida é uma cidade musealizada.



Figuras 1-2 - Centro de investigación Las VII Sillas que está abaixo de um edifício contemporâneo.
Fonte - Acervo fotográfico de Ana Claudia Bastos, ano 2013



Figura 3 - Represa da Proserpina (também conhecida como lago da Proserpina), atualmente considerada como a "praia" do emeritense, muito frequentada no verão, possui quiosques e atividades aquáticas. Fonte: foto de Ana Claudia Bastos, 2013



Figura 4 - Aqueduto dos Milagros. Aqueduto que levava água da represa Proserpina até Emérita Augusta.
Fonte: Acervo fotográfico de Ana Claudia Bastos, 2011



Figura 5 - Ponte Romana, ao fundo Alcazaba mulçumana que data de 835 dC, segundo a inscrição em sua porta principalFonte: Acervo fotográfico de Ana Claudia Bastos, 2011



Figuras 6-7 - Ruína de casa e calçada romana, respectivamente, localizadas no sítio arqueológico do interior do Museu Nacional de Arte Romana de Mérida. Fonte: Acervo fotográfico de Ana Claudia Bastos, 2011

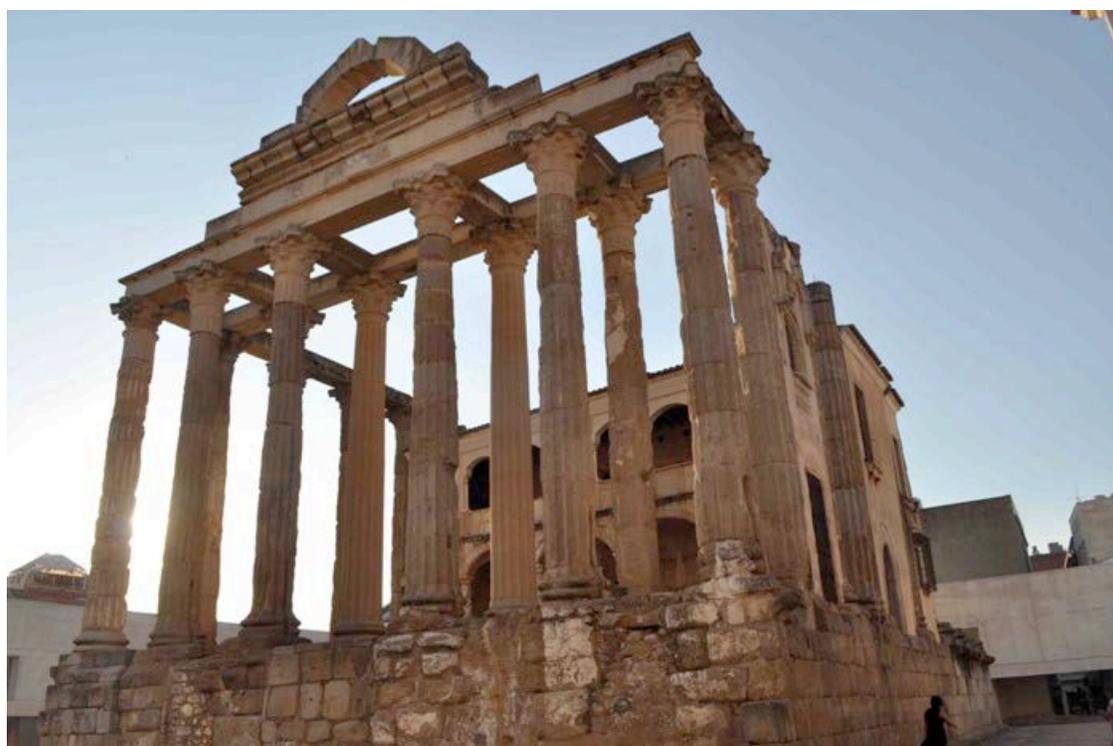


Figura 8 - Templo Diana. Construído no centro da grande praça que era conhecida como “Foro de la colonia”. Desde XVII, é popularmente conhecido como Templo de Diana, embora já se saiba que foi um monumento dedicado à Roma e ao Imperador. Em fins do século XV, com o retorno do modelo da antiguidade, Don Alonso Mexía, cavaleiro da Ordem de Santiago, construiu sua residência sobre os resquícios do monumento romano. Ainda conserva-se a fachada do palacete renascentista.
Fonte: Acervo fotográfico de Ana Claudia Bastos, 2011



Figura 9 - Teatro romano. É considerado um dos elementos mais representativos do Conjunto Monumental de Mérida. Foi inaugurado entre os anos 16-15 a. C. Atualmente é palco de importantes atividades como Festival Internacional de Teatro Clássico de Mérida, que já está em sua 59ª edição.

Fonte: Acervo fotográfico de Ana Claudia Bastos, 2011

Tendo por base a definição de museu anteriormente citada, um dado importante e que concerne à Mérida, é o que inclui, nessa definição – como atualização local dos itens patrimônio material e imaterial -, “os sítios e monumentos naturais, arqueológicos e etnográficos”, fator que leva a cidade a ser considerada um *museu*, uma vez que todos os monumentos encontram-se e abertos à visitação, tornando-a uma cidade musealizada, ou mesmo uma cidade-museu. Além do mais, a cidade de Mérida investe na pesquisa, preservação, difusão e conservação de seu patrimônio arquitetônico e arqueológico através de diversas ações promovidas pelo Consórcio da Cidade Monumental, Histórico-Artístico e Arqueológico de Mérida que, desde 1993, gerencia o conjunto patrimonial da cidade. O Consórcio é uma entidade de direito público de pessoa jurídica própria e com plena autonomia para o cumprimento de sua função. É formado pela associação da Junta de Extremadura, por representantes do Ministério da Educação, do município de Badajoz, do município de Cáceres, da Assembléa de Extremadura e da Prefeitura de Mérida.

O Consórcio objetiva, enfim, a cooperação econômica, técnica e administrativa entre as entidades, bem como a gestão, organização e intensificação das atuações relativas à conservação, restauro e crescimento da riqueza arqueológica e monumental de Mérida. O Consórcio da Cidade Monumental é o depositário da gestão deste amplo patrimônio, articulando o desenvolvimento do conjunto arqueológico e patrimonial emeritense em diversas facetas: administrativa, arqueológica, pesquisa, conservação, documentação e difusão.

A entidade trabalha de forma integrada para a preservação do patrimônio arquitetônico e cultural do complexo. Tem autonomia para realizar atividades, para captar e gerir recursos para sua sustentabilidade. Assume a administração das bilheterias⁹ dos monumentos e de uma loja de *souvenirs*, gerando recursos para as atividades desenvolvidas. O departamento de conservação do Consórcio tem a função de conservar e restaurar o conjunto arqueológico e monumental de Mérida, sendo responsável pela laboração e execução de ações relativas à adequação dos conjuntos monumentais, à limpeza, conservação e restauro preventivo dos diferentes elementos arquitetônicos e escultóricos do Conjunto Monumental.

No que tange às atividades de difusão, pesquisa e formação, o Consórcio faz convênios com universidades nacionais e internacionais para cursos de formação em Arqueologia, formando profissionais e difundindo o conhecimento e a imagem do complexo arquitetônico de Mérida para o mundo acadêmico e especializado. Além disso, o Consórcio realiza atividades de difusão, atuando em áreas inter-relacionadas, como museografia, interpretação patrimonial ou didática; neste sentido, também desenvolve programas para toda população (local e visitante), a fim de viabilizar um melhor conhecimento sobre o conjunto patrimonial emeritense, com o fito de fomentar a educação patrimonial e o turismo qualificado e não predatório na cidade de Mérida¹⁰.

9 Em 2012, foi registrada a venda de 204.921 bilhetes para visitação aos monumentos administrados pelo Consórcio (CONSEJO REITOR, 2013).

10 O Departamento de Difusão do Consórcio atua em diferentes frentes. O Programa Didático integra projetos educativos que têm como finalidade proporcionar ao visitante uma experiência atrativa, motivadora e participativa frente ao patrimônio de Mérida. São alguns dos recursos educativos: material informativo, oficinas didáticas e materiais didáticos.

As atividades de difusão desenvolvidas pelo Consórcio desempenham um papel importante, pois visam integrar moradores, estudantes, visitantes e o conjunto patrimonial da cidade. Desde sua organização, as atividades convocam a mobilização de todos moradores, profissionais da cultura, instituições culturais locais e pesquisadores a pensarem e realizarem as atividades oferecidas pelo Consórcio. Dentre elas, podemos citar seminários, espetáculos de música e teatro que versam sobre a temática da história e da cultura da região.

Uma importante atividade oferecida pelo Consórcio é a “Emérita Lúdica”, que está em sua 4ª edição. Trata-se de um projeto cultural, organizado pelo Consórcio da Cidade Monumental e a *Consejaria* de Cultura da Prefeitura de Mérida, baseado na representação da vida cotidiana e costumes da época romana, utilizando como cenário o complexo arquitetônico da cidade. Seu objetivo é abrir e integrar todos os recintos arqueológicos para a apreciação lúdica e informativa por parte de todos os visitantes. Desta forma, estimula a que todos se apropriem da paisagem urbana e arqueológica em seu contexto histórico e afetivo.

A atividade convida todos a utilizarem vestimentas da época imperial romana e participarem do grande teatro em que a cidade se torna. Durante o período da Emérita Lúdica, as oficinas, teatros, espetáculos e feiras acontecem concomitantemente em toda a cidade. Por onde quer que circulem, todos terão a oportunidade de participar de atividades cotidianas típicas de uma cidade romana, como música, funeral, rituais no templo Diana, lutas de gladiadores, comércio de especiarias etc. Essas atividades são elaboradas com a consultoria de pesquisadores vinculados ao Consórcio, a fim de serem o mais fiel possível ao cotidiano de uma cidade romana.



Figuras 11-14 - Fotos de divulgação, Emérita Lúdica (2010)¹¹.

Emérita Lúdica é uma atividade que mobiliza as instituições culturais locais a se engajarem na programação. Tanto os moradores (muitos se voluntariam para as teatralizações, além de comparecerem ao evento trajando roupas romanas), como o comércio local, que apoiam a ação, colaborando tanto financeiramente, quanto nas atividades. O destaque interessante deste evento é que, além de gerar renda e movimentar o turismo, ajuda a difundir o conhecimento acerca do patrimônio histórico e arquitetônico da cidade, trabalhando para que os moradores não apenas se apropriem e valorizem o passado histórico da cidade, mas igualmente do complexo patrimonial que caracteriza Mérida. Também é finalidade igualmente importante deste tipo de atividade a formação e a qualificação de um turismo anti-predatório, um turismo que seja, enfim, sustentável e qualificado, que valorize, preserve e divulgue o patrimônio da cidade.

¹¹ Disponível em: <http://www.consorcioemerida.org/emerialudica>

4 Conclusão

Como mostramos acima, a cidade de Mérida nos apresenta algumas importantes questões para a discussão sobre as interfaces da economia local, educação patrimonial, conservação monumental e difusão científica. Esforços para uma política de integração entre estratégias de ação de diversos setores, sejam eles públicos ou privados, nos demonstram haver possibilidade de sustentabilidade econômica local em harmonia com a necessidade de preservação histórica e arquitetônica da cidade.

Dentre os inúmeros aspectos observados, no que tange a essa relação – cujas complexidades não são difíceis de compreender –, o mais importante é justamente aquele referente à consciência e relação de pertencimento àquela história social e urbanística que os emeritenses demonstram possuir em relação à especificidade de sua paisagem cultural e urbana. A relação inextricável entre a cidade de Mérida (na atualidade), e sua história (vestígios arqueológicos e arquitetônicos) não funciona apenas como atrativo turístico, mas igualmente como fonte para a criação de uma consciência patrimonial, elemento imprescindível para, nos limites dos conflitos de interesses, fazer-se a conciliação entre a preservação patrimonial (e seu uso como fonte de receita) e a expansão da cidade, seja em termos de infraestrutura, seja na capacitação imobiliária para atender as demandas por moradia.

Cardona (2011) nos aponta a relação direta entre patrimônio e geração de riqueza. Na conjuntura da sociedade pós-industrial do século XXI há uma relação muito íntima entre patrimônio e turismo, pois o patrimônio pode se converter em um motor da grande indústria neo-turística, que busca a viagem no tempo e espaço. Isso porque com a massificação da cultura houve uma maior democratização de seu acesso e um crescente interesse por um conhecimento científico e do passado.

Daí a importância do gerenciamento competente e criativo, e também dos programas e ações educativos, bem como de eventos tais como Emérita Lúdica, a encenação de peças clássicas nos cenários proporcionados pelos monumentos arquitetônicos, dentre outros. Em Mérida, a importância de seu patrimônio não é assumida apenas pelo Consórcio, ou por agências nacionais e internacionais, ela é parte da consciência de ser cidadão emeritense. Razão pela qual, apesar dos riscos e das dificuldades, Mérida tem sido capaz de conservar seu patrimônio, de celebrá-lo e de utilizá-lo em benefício da sustentabilidade de seu desenvolvimento cultural, econômico e social.

Referências

ALBA, Miguel. El Consorcio de la ciudad monumental histórico-artística y arqueológica de Mérida – una institución al servicio del patrimonio. In: **El Consorcio y la arqueología emeritense** – de la escavación al museo. Mérida: Museo de Arte Romano, 2012.

ALVAREZ; BARRERA; VELÁSQUEZ. *Mérida*. León: Everest, 2010.

BRASIL. Lei n. 11.904, 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm. Acesso em: 14 mai. 2014.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARDONA, F. Museografia didáctica. In: SANTACANA, J.; ANTOLÍ, Nuria. (Coords.). **Museografia Didáctica**. Barcelona: Ariel, 2011. p. 23-61.

DESVALLÉS, André; MAIRESSE, François. **Dictionnaire encyclopédique de muséologie**. Paris: Armand Colin, 2011.

GASTAL, Susan. Imaginário urbano: relendo o texto praça. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DA CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO - SOPCOM, 3. Actas..., Covilhã, Universidade da Beira Interior, 2005, v. 2, p. 207-219. Disponível em: http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110829-actas_vol_2.pdf. Acesso em: 9 jan. 2014
INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS. Disponível em: www.icom.org.br. Acesso em: 14 mai. 2014.

MASACHS, Calaf. Aprender arte en la ciudad: sensibilizar hacia el respeto y la valoración del patrimonio urbano. In: MASACHS, Roser. (Org). **Arte para todos** – miradas para enseñar y aprender el patrimonio. Gijón: Trea, 2003. p. 103-135.

MERILLAS, O. Fontal. Enseñar y aprender patrimonio en el museo. In: MASACHS, Roser. (Org). **Arte para todos** – miradas para enseñar y aprender el patrimonio. Gijón: Trea, 2003. p. 49-78.

SANTACANA, J. Museografia didáctica, museos y centros de interpretación del patrimonio histórico. In: SANTACANA, J.; ANTOLÍ, Nuria. (Coords.). **Museografia Didáctica**. Barcelona: Ariel, 2011. p. 23-60.

Submetido em: 14.05.2014

Aceito em: 20.08.2014